neolivros.com

Fragmentos de Sombra

Carla Ribeiro

CARLA RIBEIRO

FRAGMENTOS DE SOMBRA

Título: FRAGMENTOS DE SOMBRA

Autor: Carla Ribeiro

Editor: ***Neolivros - neolivros.com***

E-mail: geral@neolivros.com

Imagem de capa:

Edição nº:

A estrada para o abismo começa aqui...

Atracção pelo Abismo

Perco-me nas sombras da minha noite escura. Vagueio entre pensamentos soturnos e o constante sentimento de vazio volta, avassalador, tenebroso como a minha própria alma quebrada. Percorro os limites eternos dos abismos da loucura, sem saber se sonho, ou se é real o emaranhado de luz difusa que vejo diante de mim.

Sinto, a cada passo que dou, que avanço por um caminho de onde não há retorno, que me aproximo dos portões eternos de um mundo que não é o meu. Sei que, se ultrapassar esse limite invisível, estarei já demasiado longe para regressar. Contudo, continuo a avançar, ignorando os constantes avisos da minha mente, que me pede que pare, que implora, com toda a força do desespero, que retroceda.

Hesito. Neste momento, apenas desejo que a dor pare, que o vazio torturante que habita dentro de mim desapareça. Estou disposta a tudo para fugir às sombras que me invadiram. Não interessa se tenho de deixar tudo o resto para trás... Nada interessa. Só quero que a dor pare.

Murmuro um confuso pedido de desculpas à minha mente suplicante e tomo uma decisão. Um passo de cada vez, avanço, serenamente, em direcção à barreira que me separa da paz. É chegado o momento de arrancar de mim a tristeza sem sentido que me habitou e, abandonando a memória e o passado, mergulhar no oceano do nada infinito que murmura o meu nome. È tempo... É tempo, finalmente...

Contudo, no momento em que dou o meu último passo em direcção ao abismo, sinto uma corrente invisível que me prende, uma força irresistível que me arrasta de volta às minhas origens... A minha dor, a minha tristeza... O meu vazio. "Ainda não...", murmura uma voz invisível. " Ainda é cedo..."

Subitamente, desperto. O dia ainda não nasceu. Foi tudo um sonho de poucos minutos... Um sonho aterradoramente real.

Amor

Amor confuso de sentimentos estranhos, de vontades contraditórias... Sentimento avassalador que me incita a lutar pelo meu amado, mas que, simultaneamente, me diz que devo fugir, porque ele merece melhor.

Amor impossível, insuportavelmente doloroso, que me força a ver o rosto que me encanta e atormenta, ligado ao de outra que não eu... Dor intolerável, por sonhar com o seu toque a cada instante, sabendo, contudo, que nunca o sentirei.

Amor tenebroso, por um dos filhos da noite, um devoto das trevas, como eu própria sou... Fascínio infinito pelo seu olhar hipnótico e pelo seu sorriso radioso, mas tão distante de mim.

Amor incompleto, sentido apenas por mim, intenso, inegável, insuportavelmente constante... Devoção absoluta ao meu sombrio senhor que, distante e indiferente, não me sente sequer.

Amor vencido de uma guerra que nunca chegou a ser travada, porque eu fui cobarde... Paixão sem destino, derrotada e sem sentido, porque eu não tive a coragem de avançar até aos pés do dono do meu coração.

Amor vazio, indefinido sentimento que brota de um coração morto... Débil fruto nascido de um peito que não devia esperar sentir ainda, mas que insiste em amar o inalcançável.

Amor... caído... Caído como eu.

Só a Noite

Tudo em mim é negro, escuro como a noite que me rodeia. A minha alma prende-se numa tristeza infinita, sem explicação definida. Há uma sombra presa dentro do meu espírito, gélida e inexplicável como a minha própria dor.

As minhas lágrimas confundem-se com a chuva que cai sobre o meu rosto, que arrasta consigo a minha mágoa imortal e o meu ódio eterno. Há, dentro de mim, um lamento distante, desesperado, mas silencioso. Tudo em mim é negro. Tudo em mim é dor...

Mas só a noite sabe que sofro. Só a noite sabe que odeio. A minha escuridão é demasiado cruel para ser partilhada com outro ser humano. A minha dor é demasiado profunda para ser revelada. E o meu ódio é demasiado intenso e indomável para ser esquecido.

Por isso, sozinha e distante, perco-me numa noite tão negra e misteriosa como eu e, em silêncio, lamento a minha vida vencida, o meu império destruído e o meu coração quebrado.

Mas só a noite escuta o meu lamento.

Só a noite chora comigo...

Passado

Memórias distantes confundem-se com breves momentos do presente. Promessas eternas há muito quebradas misturam-se com votos sempre renovados de força e de luz. A magia brilhante da inocência perdida funde-se com as trevas do interminável martírio de viver. A bruma impenetrável do futuro enlaça o fumo distante do passado.

O esquecimento não é permitido. A memória sombria e torturante de cada momento de dor, a imagem de cada gesto magoado, a voz distante que murmura as palavras que nunca deviam ter sido pronunciadas, assombram cada momento de dolorosa existência, rasgam o espírito com as suas garras repulsivas, consomem, ferem, matam.

Permanece sempre a imagem do anjo puro, brilhante, inocente, que acredita que tudo é belo, tudo é perfeito e tudo é alcançável. O anjo que acredita que ninguém em seu redor o poderá magoar. Esse anjo, branco e cintilante como a inocência do passado, jaz, derrubado, morto, afogado no seu próprio sangue.

Memórias de dor infinita e de promessas sem sentido.... Reflexos de uma infinita riqueza, transformados na total miséria. A luz convertida em noite. O amor convertido em ódio... O perdão transposto em vingança. A vida, cedendo lugar à morte...

E o esquecimento não é permitido...

Nocturno

Doce melodia de uma lenda tão distante como o meu próprio coração... Melancólico feitiço que prende e hipnotiza, deixando a vontade de esquecer o mundo em volta e ficar eternamente a ouvir... Eterno lamento de tristeza infinita e de condenação interminável...

Também na minha alma ecoa o mesmo chamado triste e escuro. Há também em mim esse mistério obscuro, o estranho fascínio pelas trevas, que me afasta da luz do dia e, com palavras sedutoras, dirigidas apenas ao meu coração, me alicia para a noite. Também eu sou uma sombra, errante na escuridão. Sou, também, filha dos anjos caídos.

Doce melodia de lamento e aceitação, tu és como eu, distante, triste, sombria. És a lembrança inesquecível do passado que não volta. És a sombra do amor para sempre abandonado. És a loucura que resta das almas a quem quebraram as asas.

És a minha imagem, a minha voz e o meu sentimento... Porque eu sou como tu.

Nocturna...

Alma Aberta

Abre os olhos.

Sabes que o mundo em volta não é como tu. Sempre o soubeste.

Lamentas isso.

Porquê?

Os outros não são iguais a ti, porque, se não fossem diferentes, todo o mundo serias tu.

E onde estaria a magia disso?

É a forma como te diferencias dos que te rodeiam que te torna especial.

A tua diferença torna-te belo a meus olhos.

É por não seres fútil e indiferente como todos os outros que eu te amo.

Mas, se eles fossem como tu, como poderia eu ter-te escolhido?

Não tenhas medo de ser diferente!

A fantasia dentro de ti não te torna mau ou repulsivo, mas infinitamente perfeito.

Mantém a alma aberta.

Há-de sempre haver alguém capaz de te aceitar e amar como és e pelo que és.

Diferente.

Especial.

Único.

Mantém a alma aberta...

Príncipe Negro

Há uma estranha tristeza nos teus olhos, meu príncipe amado. Paira uma sombra sobre ti. Sofres, com uma intensidade que te consome por dentro, mas és incapaz de pronunciar uma única palavra que justifique a tua angústia.

Fala comigo, meu belo, meu querido. Que demónios te atormentam? Qual é a causa desse olhar tão triste, tão magoado e tão desiludido? Diz-me... O que te fizeram?

Vejo no teu olhar um laivo de acusação, confirmado pelo silêncio obstinado em que te manténs. Fui eu? Fui eu quem te feriu? Mas como? Responde-me! O que fiz para que estejas tão magoado comigo?

Tento encontrar os teus olhos, mas evitas-me. Olhas fixamente para alguém atrás de mim. Finalmente, pronuncias umas breves palavras de circunstância, cheias de uma mágoa velada, como se te sentisses traído.

Não são para mim. São para ele... Entendo subitamente a sombra que te tortura. O espectro do ciúme entrou em ti e, no teu amigo, vês agora um rival. Apesar de não estares ligado a mim, sentes-te traído pela sua aproximação. E sentes-te triste, porque eu a permiti.

Oh, meu belo tenebroso, não temas mais! Serena o teu coração, meu anjo querido, pois não há no mundo rival à tua altura e eu tenho o teu nome gravado a fogo dentro do meu peito. Não te preocupes... Não sofras mais, porque o meu dono és tu, se me quiseres, e eu não serei senão tua.

Tua, meu príncipe negro. Tua... Ou de ninguém.

Labirinto

O meu coração bate desenfreadamente, dominado por uma tenebrosa confusão de sentimentos cruéis. A minha mente é um labirinto de angústia e dor, onde cada caminho é uma sucessão de dias sem sentido que conduzem a um beco sem saída. A minha prisão é um confuso emaranhado de pensamentos e emoções que levam a lado nenhum. Quero sair, mas como?

Perco-me entre as sombras de uma vida sem sentido, onde cada acontecimento provoca mais dor e me afasta, cada vez mais, da liberdade. Procuro, entre os caminhos da tristeza, da dúvida e da desilusão, o ténue brilho que anuncia a saída, a paz, a liberdade. Vagueio desesperadamente, sem saber para onde vou, neste assustador labirinto onde mil espectros do passado me assombram.

Ando, constantemente, com medo de, se parar, não me conseguir voltar a erguer. Faltam-me as forças e o ânimo falha, mas continuo a arrastar-me, em busca da saída. Estou a cada passo mais perto da loucura, mas não consigo desistir, mesmo quando tudo em volta se torna difuso e indefinido.

Subitamente, a força desaparece e, inútil na minha debilidade, deixo o meu corpo cair no chão frio. E é então que, enquanto os últimos fragmentos da minha vontade se desvanecem, compreendo que a minha busca foi em vão.

Porque não existe saída... E o meu lugar é aqui.

Lágrimas

Chorei pelo passado destruído, antes de saber sequer o que era o futuro. Na aurora da vida, mergulhei num desespero sem sentido e sem saída, incapaz de encontrar a mais breve e ténue luz que me salvasse da escuridão. Perdi-me no vazio de não ver nada em meu redor, para além dos estilhaços da minha vida quebrada, da minha alma destroçada, da minha inocência morta.

Chorei lágrimas gélidas e dolorosas de angústia e de amargura, em nome de toda a magia que nunca passará de um sonho e de todo o amor que jamais será mais que uma esperança vencida. Lamentei-me, em convulsões de sofrimento extremo, pela minha existência de sofrimento interminável. Vi-me incapaz de amar, de confiar, de acreditar. Olhei para o espelho e a imagem que ele me devolveu foi a de um destroço, de uma ruína mais antiga que a própria vida, de um fragmento de nada demasiado cansado para continuar a viver. Vi-me como um espectro derrotado, uma prisioneira da vida, e desejei morrer mil vezes para deixar de sentir os espectros da angústia que me percorre a cada momento.

Chorei pelos que me venceram, pelos que me quebraram e pelos que me abandonaram. Humilhei-me, pedindo-lhes que voltassem, que restaurassem os laços quebrados, que reconstruíssem o passado perdido. Mas, diante da minha alma prostrada, despojo abjecto e suplicante, escarneceram da minha fraqueza e partiram, triunfantes, sem sombras de remorso.

Chorei... Mas hoje vejo que as minhas lágrimas foram em vão e, renascida do abismo, ganhei a coragem necessária para viver, para persistir no meu caminho, um dia de cada vez, com a força constante da promessa que me guia e me sustém: a voz da justiça divina.

Chorei, sim... Mas não vou voltar a chorar.

Raiva

Ódio... Um ódio profundo corre pelas minhas veias. Queima. Dói, mas eu não o consigo parar. Tudo é vermelho diante dos meus olhos... Vermelho raiva. Vermelho ódio. Vermelho sangue.

Não consigo pensar. Não consigo reagir. Tudo o que sinto é este fogo, intenso, avassalador, que me consome por dentro.

Ódio. Fúria indomável, insuportável, inatingível. Desejo que tudo quebre à minha volta, que o mundo se dobre perante a força do meu ódio. Ira. Escuridão. Loucura. Quero ver o universo reduzido a ínfimos estilhaços, mergulhado nas trevas do meu mal interior. Quero que o mundo morra.

Ódio. Raiva. Descontrolo... Morte... Morte. Morte! Quero saciar a minha fúria na essência dos mortais e, do sangue, arrancar o elixir da vida. Quero escutar a terrível sinfonia de gritos de dor e gemidos de agonia! Contemplar a dança macabra das convulsões de dor e dos estertores dos moribundos! Quero aplacar a minha raiva na infinita destruição. Ódio! Fúria! Morte!

Louca... Se, no fim de tudo, apenas me odeio a mim...

Hoje Morri

Hoje morri...

Morri para os sentimentos de amor e de confiança que, em tempos, habitaram o meu coração, antes radiante de luz e de fé, mas agora gélido e negro como o espectro da morte.

Hoje morri para o mundo que me rodeia, um império de egoísmo e hipocrisia, onde tudo é permitido, desde que se atinjam os objectivos, e não importa se, para trás, fica um rosto de morte, sofrimento e desolação.

Morri para aqueles a quem, em tempos, entreguei a minha confiança e me devotei inteiramente, mas que, quando eu deixei de ser necessária, me rejeitaram, quebraram e abandonaram, para agonizar sozinha no meio da lama.

Hoje morri... porque aprendi a não sentir dor quando me ferem. Morri, porque já não sinto nada dentro do meu peito, e chego mesmo a duvidar se o meu coração, gélido e quebrado, bate ainda.

Morri, sim... Mas, se viver é o passado que ficou para trás... Se a vida é solidão, miséria e sofrimento... Se viver é uma eterna caminhada no deserto de uma existência sem sentido... Então eu morreria mil vezes, para não voltar a sentir a vida!

Estilhaço

Sinto-me vazia, como se o mundo à minha volta tivesse desaparecido e a minha alma houvesse partido à sua procura, abandonando-me, como uma casca oca e inútil, no meio do imenso nada. Olhando para dentro de mim, parece-me que nada existe, para além de um infinito nada, negro e vazio como a minha própria vida.

Não tenho, contudo, um motivo para me sentir assim. Não há uma explicação lógica para a profunda escuridão que, subitamente, me invadiu. Mas, nesta imensa confusão que se tornou a minha existência, um único sentimento persiste dentro de mim...

Sinto-me como se algo no meu interior tivesse quebrado, afastando-se de mim, rapidamente, irrevogavelmente, a cada instante que passa.

E, no meio do meu infinito vazio, tenho uma única certeza...

Esse breve estilhaço da minha alma, o fragmento que sustinha a minha alma, nunca mais irá voltar.

Pensamentos Dispersos

A minha mente é, hoje, como um estranho labirinto, onde mil e um pensamentos dispersos se cruzam e entrecruzam, até formar um emaranhado insolúvel de ideia indefinidas.

Penso numa infinidade de coisas diferentes: o tempo, a vida, os dias que passam, os novos passos dados a cada momento. Recordo rostos quase desconhecidos do sem fim de pessoas que se cruzam comigo a cada dia. E, nesta rede de mistério, onde cada noite é um código e cada pensamento é um enigma, todos os pequenos fragmentos de lucidez que atravessam o meu espírito são tesouros preciosos, numa vida confusa em que cada instante tem magia e todos os momentos são meus.

Está dado o primeiro passo em direcção à queda.

Amigos

A minha alma dói, até mais longe que aquilo que sinto. Parece que, algures dentro de mim, o breve fio que me mantinha a sanidade quebrou, finalmente, e, se há muito que a minha vida deixara de fazer sentido, tornou-se agora num suplício insuportável.

Não a desejo mais. Não... Contudo, há uma barreira, um obstáculo intransponível que me impede de pôr um fim à minha angústia... A imagem, breve e inconstante, que surge diante de mim, cada vez que fecho os olhos...

O vosso rosto, meus amigos, a vossa imagem. A vossa expressão de acusação, de censura, que me diz que serei uma cobarde, se desistir, indigna do vosso tempo, da vossa confiança e da vossa amizade... É a vossa força que me sustém, a vossa fé que me dá a coragem para subsistir na vida.

E, contudo, não vos mereço. Cada um de vós é infinitamente mais do que aquilo que alguma vez poderei ser e, mesmo assim, sinto a vossa presença aqui, comigo. E não a mereço, porque falhei... Porque, por várias vezes, pensei em desistir, em abandonar tudo. Porque fui fraca...

Mas, ainda assim, sinto em mim a vossa força, o vosso apoio... E é por isso que, em vosso nome, me mantenho aqui... Pela vossa força... Pela vossa confiança... Pela vossa fé...

Porque sois toda a esperança que resta na minha vida quebrada...

Confusão

Não sei o que quero. A cada momento, o meu coração parece querer partir-se em dois, para evitar a decisão inevitável. Por um lado, a minha alma refugiou-se, há muito, na solidão, para afastar a dor, há tanto tempo que me creio já incapaz de partilhar a minha vida com alguém. Por outro, há momentos em que uma companhia humana parece um luxo inacessível e inalcançável.

Às vezes, é tão bom estar rodeada pelos amigos... Mas, mesmo nesses momentos, já uma sombra sobre mim, porque, apesar de me aceitarem entre eles, não consigo deixar de me sentir diferente e de ver que, no final, ninguém me compreende.

Não sei o que quero... Não sei sequer se quero alguma coisa! Mas, sim, quero... Queria um lugar onde não fosse preciso decidir, onde esta confusão saísse de dentro da minha alma e onde, finalmente, pudesse encontrar a paz...

Desânimo

Não me quero mexer...

Para quê?

Nada do que eu faço vale a pena...

Nenhum dos meus esforços parece atingir os seus objectivos, ou sequer aproximar-se da sua obtenção.

Então, para quê tentar?

Nunca vou conseguir arrancar de mim esta sombra e encontrar valor em algo de meu. Nunca vou conseguir chegar a lado nenhum. Nunca vou fazer nada...

Não quero fazer nada...

Para quê?

Se eu própria nada valho...

Memória

Meu querido, meu belo amado...

Hoje, há em mim um pensamento insistente que me recorda de ti, não como te vejo agora, quando, sem saberes o que sinto, estás comigo, mas quando nos vimos pela primeira vez.

Naquela noite, o meu olhar correspondeu à chama do teu, e eu, que jurara jamais amar homem algum, senti nascer em mim uma atracção intensa, uma paixão ardente, um amor profundo por ti.

E, naquela noite, pareceu-me ver nos teus olhos o mesmo interesse, a mesma atracção, o mesmo amor, e é essa memória, a memória de como me olhaste naquele instante, que me persegue nas minhas horas de solidão.

Amaste-me? Diz-me que me amaste, mesmo que só naquele breve momento. Diz-me que sentiste o mesmo que eu vi... Diz-me que me amaste como eu te amei, como ainda te amo...

Assim, a memória será suficiente para viver o resto de meus dias, mesmo sabendo que jamais serás meu, e que nunca me voltarás a olhar daquela forma.

Vida

Por séculos e séculos de loucura, suportei o teu tormento sem sentido. Sem qualquer lamento ou resistência, submeti-me a todas as tuas vontades. Cumpri tudo aquilo que me ordenaste que fizesse e fui-te inquestionavelmente fiel.

Apesar disso, tudo o que recebi de ti foi tristeza e dor. Deste-me uma existência absolutamente vazia de sentido, onde, desprezada pelos mortais e odiada pela tua própria essência imortal, fui maltratada, rejeitada e abandonada. Fizeste de mim um espectro sem rumo, demasiado quebrado para reagir, mas demasiado cobarde para morrer. E, depois de toda esta eternidade de sofrimento, julgas que não mereço ainda o privilégio do descanso eterno.

Quanto mais, vida? Quanto mais vais exigir de mim, antes de me deixar partir? O que mais terei eu de fazer, para que deixes de me torturar? Ainda não é suficiente todo o tormento a que me submeteste? O que mais queres que eu faça?

Ah, vida! Porque não me libertas? Nem sequer fazes sentido...

Lembras-te de Mim?

Há tanto tempo que não me dizes nada, que tenho a sensação de que para ti não existo.

Lembras-te de mim? Ou nem o meu nome é capaz de despertar a tua memória? Será que sou só uma estranha para ti, que já nem me reconheces?

Durante todo este tempo, apesar de, de todas as formas, me demonstrares o contrário, sempre disseste que me amavas. Mas passam séculos de ausência e tu nem tentas saber se está tudo bem. Dizes que me amas, que tudo o que fazes é por mim, mas eu estou longe e tu nem dás pela minha falta. É por tua culpa que eu estou sozinha na minha tristeza, mas tu nem queres saber!

E face a este abismo de dor e desespero, neste desamparo onde tu me abandonaste, apenas um pensamento passa por mim, todos os dias, quando me aproximo do fim, apenas para voltar ao princípio...

Se eu morrer, lembras-te de mim?

Deserto

Ando numa estrada sem rumo, e nada é meu. Não vejo em meu redor senão um deserto de corpos desconhecidos e faces inexpressivas. Ninguém parece ter sentimentos, nesta suposta humanidade. Tudo é rotina, um passo após o outro, para os mesmos destinos, sempre iguais, sempre fúteis, sempre vãos.

Ando na estrada deserta deste mundo sem dono, e ninguém me vê. Ninguém quer saber se rio ou se choro, se vivo ou se morro, se existo sequer. O coração da humanidade é tão deserto como as sendas do seu mundo, este mundo que nunca foi o meu lugar. Tudo é vazio dentro dos homens vãos, e o lugar que devia estar ocupado pela alma de cada um foi preenchido por um universal e infinito nada.

Ando, sempre, eternamente, mas não têm destino os meus passos, pois, neste mundo deserto, de almas desertas, também eu sou um nada, sem nome e sem vida, uma sombra adiada à espera do derradeiro destino.

Também eu sou deserta neste mundo de sombras... Porque este não é o meu mundo... e esta não sou eu!

Repulsa

Sinto repulsa face ao toque dos humanos. Sou insensível ao amor e à ternura, e é com dificuldade que controlo o violento desejo de me afastar quando me tocam. A humanidade é, a meus olhos, suja e repugnante. Enoja-me a simples ideia de sentir o contacto de um deles na minha pele.

Vêem-me como inacessível e incompreensível. É, na verdade, o que sou. A distante, a fria, a inalcançável. Não desejo entregar-me a um dos filhos desta vida imunda. O meu espírito está fechado e o meu corpo é intocável, pois só a mim pertenço e só eu sou a dona de meus dias.

Sinto repulsa face ao contacto mais próximo com um ser humano, porque o meu coração é vazio dos sentimentos que poderiam dar magia a esse momento. Por isso, eu sou a ausente, a fria, a sádica.

Porque ninguém alguma vez me alcançará.

Sombria

Escuridão eterna e incorruptível habita o meu peito, ocupando o lugar do meu coração há muito morto. São as sombras que me chamam para a noite da vida, o único lugar onde pertenço.

Apagada de mim toda a esperança e toda a luz, toda eu sou noite, sombria, soturna, sinistra. Sombria, para que nenhum sentimento humano de amor possa tocar a minha alma rasgada. Soturna, para que a esperança de um dia melhor não venha, por momentos, iluminar os meus sonhos, para, depois, me lançar novamente nos abismos da dor e do desespero. Sinistra, para que o medo que inspiro afaste de mim aqueles que não querem senão causar mais dor à minha alma já quebrada.

Sim, sombria como sou, é na noite eterna, na escuridão que não tem fim, que o meu coração morto deve repousar. Nos suaves braços da eterna protectora dos amargurados, onde um dia entregarei o meu corpo moribundo, para que ela me abra as portas do seu mundo e me salve da dor...

Quando?

Quando foi que te dei um motivo para fugires de mim?

Quando foi que te traí?

Alguma vez deixei de respeitar os teus segredos ou de te tratar com a devoção que merecias?

Alguma vez deixei de estar ao teu lado para partilhar o teu sofrimento e dividir contigo a tua dor?

Quando foi que te falhei?

Quando?

Nunca, e tu sabes isso tão bem como eu.

Então, com que direito me condenas?

Com que direito me julgas e te vingas em mim por crimes que não são meus?

Sou, porventura, culpada de tu acreditares nas palavras dos outros, enquanto me negas a minha defesa?

Que te fiz eu, para que me rejeites?

Quando foi que te falhei?

Responde-me!

Quando...?

Acorda!

Foram infinitas as vezes que te avisei, mas, ainda assim, parece que não ouviste nada do que te disse. Porque choras? Já devias ter percebido aquilo que agora vês há muito tempo atrás...

Tens amigos. É inegavelmente verdade. Eles estão lá quando os procuras e aceitam-te como és. Ouvem-te sem queixas e são infinitamente pacientes para com as tuas crises e frustrações. São, verdadeiramente, teus amigos.

O que mais esperas? Acorda! Não tens o direito a pedir mais que isso. Podes esperar que eles te aceitem, mas não podes exigir que te compreendam! Quanto tempo mais vais demorar a entender?

Olha à tua volta e vê se compreendes, de uma vez por todas, que eles não são como tu e, por isso, não sentem as coisas como tu. Não lhes podes exigir isso! Não podes esperar que aquilo que é para ti mais importante tenha importância aos seus olhos!

Pára de te lamentar por aquilo que é inevitável! Os teus sentimentos são apenas teus. Não esperes encontrar o seu eco à tua volta. Aprende a viver contigo, como és, e abençoa a vida por te ter dado a aceitação dos amigos que tens.

E não esperes mais que isso. Não tens o direito a esperar mais.

Às Vezes

Às vezes, desejo que os meus sonhos fossem mais que breves ilusões que, como um sopro de vento, passam por mim para, depois, partir. Desejo que os meus sentimentos fizessem sentido para os outros como fazem para mim, e que a luz dos momentos que dão um verdadeiro sentido à minha vida tivessem também importância para aqueles que a compartilham comigo. Às vezes, desejo que as minhas ilusões fossem verdade...

Às vezes, espero não me encontrar sozinha nos momentos em que o meu mundo desaba. Espero, quando me sinto triste e desanimada, por uma palavra amiga que me diga que as coisas vão ficar melhores, por uma presença que me transmita compreensão, por um abraço que me traga calma e conforto. Às vezes, espero que alguém me compreenda.

Às vezes, acredito que, na essência dos meus actos, existe, escondido, algum valor. Acredito que aquilo em que ponho o meu esforço tem, na verdade, algum significado, ainda que apenas para os que me rodeiam, e que, através dos meus gestos, dou um pouco mais de força ao mundo. Às vezes, acredito que a vida tem sentido.

Mas, quando abro os olhos e olho para o mundo, vejo o deserto negro e frio que me rodeia e, na minha solidão triste, amargurada e infinitamente dolorosa, entendo que nada de mim tem qualquer significado.

Mas, ainda assim, às vezes desejo... espero... acredito...

Ainda que em vão...

Nada!

Como consegues ser ainda tão ingénua, depois de tudo o que a vida já te fez? Como é possível que tenhas acreditado que, desta vez, as coisas iam ser diferentes? Não viveste já esta história, uma, outra e outra vez?
Julgaste que eles eram diferentes de todos os outros que antes cruzaram o teu caminho. Acreditaste que estes eram verdadeiramente teus amigos e que não te deixariam para trás no prosseguir dos seus passos.
Louca! Para isso, era necessário que os merecesses, que tivesses algum significado para eles, mas a verdade é que, ainda que te recuses a aceitar os factos, tu não és sequer digna da sua atenção e é por isso que eles apenas suportam a tua presença por pena. Nunca desejarão a tua companhia e muito menos te chamarão para compartilhar a magia dos seus momentos.
Vê se entendes que nunca terás ninguém a quem possas chamar amigo. Nenhum daqueles em quem confias se lembrará de ti sequer, se decidires partir. A sombra que te envolve nunca deixará de ser a tua única companhia, pois estás, desde o início dos teus dias, condenada a viver na solidão, para, no fim do teu tempo, morrer sozinha.
Por isso, acorda! Olha-te ao espelho e vê, de uma vez por todas, que é isto que vales...
NADA!

Um passo mais perto do fim…

Sem Sentido

Palavras que ecoam na minha mente, como pensamentos sem dono, soltos nas asas da vida… palavras de amor e de sonho, mas também de ódio e de morte, dispersas, inconstantes, quase como se fossem parte de um passado sem sentido.

Versos de sangue, dor e agonia, misturados com poemas de paz e consolação… Um imenso labirinto em que cada palavra forma um novo caminho, onde todas as loucuras são possíveis.

Sonho. Sono. Silêncio. Sombra. Sim. As palavras sucedem-se, perante os meus olhos que fitam a eterna escuridão, e é em vozes de sombra, de fogo e de vento que as minhas palavras se unem para formar a canção do meu universo pessoal.

Por vezes, uma calma melodia. No momento seguinte, um grito tenebroso. Depois, um lamento soturno, sombrio, violentamente arrancado ao mais profundo e secreto recanto da alma entristecida. Vozes, murmúrios sem destino, sem sentido definido…

Apenas ecos distantes da minha voz há muito esquecida.

Palavras. Nada mais…

Solidão

Sinto-me, hoje, sozinha como nunca antes. Não sei o que é feito daqueles que, em tempos, me prometeram amizade e fidelidade. Sei que não estão aqui.
E, contudo, nunca precisei tanto deles como neste momento, quando sinto que o que resta da minha vida está em vias de ruir e que os poucos sonhos que me restam se esvaem como areia entre os meus dedos.
Onde estão aqueles que prometeram salvar-me dos espectros da minha loucura? Que é feito dos amigos que juraram nunca me abandonar? Se permanecem fiéis à sua amizade, porque me encontro eu sozinha, abandonada no abismo dos meus próprios sonhos quebrados?
A verdade é que não existe, próximo de mim, um único ser que seja movido pela amizade. Interesse, rotina, compaixão… mas não amizade. Não esse sentimento de união em que sentimos a dor do outro como parte de nós e damos tudo da nossa alma para atenuar esse sofrimento. Na verdade, esse glorioso sentimento não existe. Não passa de uma utopia.
Estou errada? Não… Se estou errada, porque estou eu sozinha, neste que é o mais negro dos meus dias? Porque é que ninguém sente a minha solidão e o tormento interminável com que me martirizam os meus demónios interiores?
A verdade é esta… Porque ninguém quer saber!

Mais Longe

Vejo-te, a cada dia que passa, um pouco mais longe de mim. Começaste por ignorar algumas das minhas palavras e, passo a passo, foste-te afastando, a cada instante um pouco mais.

Hoje, quase nem te sinto. Não sei onde estás ou se te lembras ainda de que eu existo. E foste tu, contudo, o ser humano a quem mais entreguei de mim. Foi em ti apenas que confiei inteiramente, a ti que me dei por inteiro, de alma e coração abertos, sem segredos, sem defesas.

E a verdade é que tu nem me sentes… Enquanto, neste momento, recordo o muito que fomos e o nada que restou, nenhuma memória de mim acorre à tua alma, pois há muito me esqueceste.

Porquê? Terei eu alguma vez traído a tua confiança? Algum dia te recusei, quando me procuraste? Quando te desiludi e em quê? Abandonei-te, porventura, no mais negro dos teus momentos, como tu agora me fazes?

Não. A verdade é que nunca te falhei em nada. Mas não necessitavas de um motivo tão forte para me rejeitar. Esqueceste-me, na verdade, por eu ser o que sou, talvez demasiado sombria, talvez demasiado diferente.

Talvez simplesmente não te mereça…

Mais que um Momento

A minha vida é negra. É inegável. Cada dia que passa é um passo mais em direcção ao abismo interminável do meu inferno pessoal, onde o limite inferior é inalcançável, por mais vezes que julgue já o ter atingido. Por mais cruel que a vida seja, num momento, o limite das suas capacidades está ainda muito distante. Podia ser pior... Pode sempre piorar.

Mas a verdade é que, por entre a infinita solidão do abandono e a impenetrável escuridão dos tormentos da vida, surgem, por vezes, pequenos laivos de uma etérea luz, ténue, frágil, mas que, cuidadosamente, silenciosamente, vai construindo uma corrente que prende à vida as almas dos condenados, uma corrente que, por momentos, atenua a dor o suficiente para afastar a loucura.

E as memórias ficam. Aqueles breves momentos em que o mal é atenuado pela presença, pelo apoio e pelo carinho daqueles que se preocupam, nunca são esquecidos. Constituem, na verdade, as grandes memórias daqueles a quem nada mais resta.

E eu sou um deles... Por entre as trevas do abismo da minha vida inegavelmente negra, eu vejo a minha corrente, a força que me sustém... A memória daqueles momentos em que um gesto faz sentido, porque os amigos estão lá e, se estão comigo, é porque se importam, porque sentem. Para mim, isso é mais que um momento. É tudo o que tenho. É, na verdade, tudo o que importa.

Por isso, vida, não te resisto mais. Faz de mim o que quiseres. Submeto-me à tua vontade.

Mas, por favor, não os afastes de mim...

Apenas Eu

Por vezes, sonho que a minha vida tem algum significado. Creio que os meus passos levam a algum lugar e que, quando o meu destino for alcançado, o meu sonho será compreendido e sentido por aqueles que caminham comigo. Espero que eles me sintam como eu os sinto e que me amem como eu os amo. Espero que saibam que daria tudo por eles.

Sonho... Mas, ainda que não entenda, enquanto me elevo nos céus, as minhas asas são apenas quimeras, prontas a ruir ao primeiro sopro de adversidade. E, quando eu despertar, não encontrarei senão as marcas de um passado nunca esquecido, a mão de um destino cruel que me marcou para uma vida deserta e o infinito abandono de saber que nada mais existe que viva ou queira viver no meu mundo.

Apenas eu...

Se

Se eu te sentisse por perto, ainda que só por um momento, talvez eu me esquecesse dos demónios que me atormentam na minha loucura e aprendesse a ser mais que o espectro de uma vida deserta, perdido entre mundos sem sonhos e sem cor.
Se eu soubesse que me vês da mesma forma inocente como eu te vejo, as sombras do meu coração abandonado deixariam de me torturar e, redimida de todos os meus crimes, eu aprenderia a renascer como a criança pura e ingénua que te devotou a mais absoluta adoração.
Se eu acreditasse que, algures no teu coração, habita um sopro de amor, ainda que infinitamente menor que a paixão ardente e indomável que me inspiras, eu rejeitaria tudo aquilo que sou, renunciaria a todos os meus direitos e renegaria a vida e a própria liberdade, apenas pelo dom de ser inteiramente tua, ainda que apenas em sonhos, ainda que só por um momento.
Se apenas me amasses… Ah, se me amasses! Depositaria o mundo inteiro rendido a teus pés, por um breve toque do teu amor…

Sádica

O mundo afasta-se de mim, quando eu passo, desviando de mim o seu olhar. Aos olhos dos homens, sou uma criatura repugnante e, à minha passagem, os filhos dos homens fogem, dominados pelo medo e pela repulsa que sentem.

Sinto o seu ódio sobre mim, como uma maldição inquebrável. Sei que me vêem como algo de não humano, uma sombra cruel, sádica e insensível. Julgam ver, na minha expressão soturna e sinistra, uma ameaça iminente, silenciosamente proferida por alguém que só na dor consegue encontrar prazer.

Eles não vêem. Eles não entendem. Não sabem que, na verdade, a sombra que invadiu o meu corpo e a minha alma não é ódio, mas apenas uma infinita tristeza, uma interminável amargura, originada pelos crimes que o mundo cometeu contra mim, quando eu era apenas mais uma inocente.

E sou eu a sádica? Sou, porventura, culpada da maldade que invadiu este mundo? Não! Foram as almas dos homens, ou o vazio que ocupa o seu espaço, quem criou a eterna sombra do horror que desceu sobre mim. E é este mundo que se atreve a chamar-me de cruel?

Não é verdade! Cruel foi o que a vida me fez, quebrando todos os meus sonhos, rasgando as minhas esperanças e derrotando a minha vontade, para depois me abandonar a um abismo de tristeza silenciosa, vítima inocente de um horror sem fim.

Não… Não sou eu a sádica… Eu sou apenas eu…

Tédio

Sozinha no meio de um mundo onde a própria multidão não é mais que uma espécie diferente de deserto, mergulho nos abismos secretos da minha mente torturada e tento descobrir um sentimento que esteja ainda vivo, algures dentro de mim.

Nada se move em meu redor. O silêncio é frio e tenebroso, como este tédio imenso e vazio de nada fazer e nada ser. Presa ao meu vazio, não sou ninguém. Escondida no silêncio dos meus dias, deixo-me ficar quieta, imóvel, perdida no tédio indescritível de existir sem viver. Na verdade, eu não sou nada. Nada valho. E é por isso que o mundo que me rodeia não passa, para mim, de um deserto vazio. Como poderia eu sentir alguém por perto, se eu própria não sou ninguém?

Como poderia viver, se nada vive em mim?...

Silêncio

De olhos fechados ao mundo em redor e ouvidos abertos ao mundo interior, mergulho no secreto universo dos meus pensamentos silenciosos. No meu lugar imperfeito, onde só a imaginação me acompanha, os sonhos destruídos regressam à vida e até mesmo a gélida solidão parece um pouco menos fria.
Dentro de mim, encontro paz, uma serena tranquilidade que há muito acreditava morta, como um murmúrio suave fugido das trevas da minha tempestade interior. Encontro uma força diferente, quando julgava não conhecer senão fraquezas, um etéreo brilho de luz rasgando a escuridão que julgava ser o pouco que restava de mim. Encontro um pouco de vida num espírito que há muito considerava morto.
Serei mesmo eu? Será minha esta sedutora calma que me invade, como um discreto sussurro de paz e serenidade? Será meu o olhar que me observa no espelho, como se todo o tempo fosse eterno e a preocupação não fosse necessária? Será minha esta vida que me observa? Serei eu?
Divago no silêncio dos meus pensamentos, distante talvez da vida que me rodeia, mas sempre um pouco mais perto de mim… Do meu refúgio interior, onde, por mais sombras que passem, a luz nunca deixa de ser possível.

Deserto

O mundo não me sente.
É como se eu nem sequer existisse. Os desconhecidos que cruzam o meu caminho passam, sem sequer me ver. Até mesmo aqueles que chamei de amigos, aqueles a quem confiei tudo de mim, olham para mim como se não me conhecessem, ignoram as minhas palavras, fingem não ver as minhas lágrimas.
Ninguém quer saber como me sinto ou se ainda sinto sequer. Se eu desaparecesse, ninguém daria por nada, tão vazio é o deserto que se estende em meu redor.
E, contudo, eu amo-os com todas as minhas forças. Faria qualquer sacrifício por eles, mas eles não vêem o que eu sinto. Deixava para trás tudo o que ainda tenho de sagrado, em nome da amizade deles, mas essa amizade nunca me pertenceu.
Mas, ainda assim, as suas sombras pairam no meu deserto de mágoa e é por isso que, por mais que me convença de que me vou afastar e responder à indiferença com indiferença, apenas um dia o poderei fazer.
No dia em que morrer.

Aniversário

Um momento de união…
Os amigos unidos na celebração de uma data festiva. Mais um ano que se completa, com a prometida esperança de que o próximo será melhor e que todos os desejos serão possíveis, com o completar de cada novo dia.
Parabéns, querida amiga. É uma honra poder partilhar contigo este momento especial e, acima de tudo, saber que quiseste dividir comigo o instante em que reuniste em teu redor as pessoas que te são mais queridas. Obrigada, amiga. Muito obrigada.
Foi um momento muito belo, é verdade, mas, apesar disso, desculpa se não me viste sorrir mais vezes. É claro que estou feliz por ti e que te desejo apenas o melhor do mundo, mas este teu momento tão sublime e especial recordou-me todos os instantes que nunca tive e que nunca vou ter.
Sei que compreendes. Sei que entendes a melancolia que me invade ao recordar todos os momentos importantes, tanto bons como maus, em que não tive ninguém por perto para me apoiar ou para dividir a minha alegria. E é por isso que todos os instantes em que tu estás, todo o apoio que tu me dás, têm para mim um significado muito especial.
Obrigada por não fugires de mim, como todos os outros. Obrigada por me aceitares, com todos os meus defeitos e fraquezas, sem censuras nem acusações. Obrigada por contares comigo para estes momentos tão especiais… E, acima de tudo o mais, obrigada… por existires.

Carla Ribeiro

Ilusões

Nos meus sonhos, sou anjo de asas prateadas, voando no infinito azul do céu, onde tudo é possível e todos os sonhos podem ser alcançados... Ali, onde a minha alma pura e livre, todo o encanto é meu e cada desejo está ao alcance do meu toque.

Sonho que sou parte de tudo quanto existe, um brilho escondido na luz do sol, um breve reflexo do luar melancólico, o místico toque das ondas do mar... Sonho que sou o amor, o encanto, a vida... Sou um pouco de todo o mundo e tenho o mundo dentro de mim.

Ao acordar, contudo, para o novo dia que me envolve, abro os olhos ao verdadeiro mundo e as minhas asas desfazem-se em pó. As ilusões desaparecem nos abismos da amargura, deixando para trás a eterna memória das esperanças mortas do passado e a melancólica recordação do sonho que fugiu.

Anjo? Eu? Não... À luz da realidade, os meus ideais não são de anjo puro, mas de alma fraca e, diante da realidade deste mundo, eu vejo, enfim, que os meus sonhos são a antítese de uma verdade eterna e incontestável...

Não tenho nada dentro de mim e nada sou no mundo em meu redor.

Falsos

Com toda a minha fé e toda a minha força, dei, por inteiro, a minha alma àqueles que julgava com os amigos ideais, supremo exemplo de vida e de verdade. Inocentemente, coloquei-me nas suas mãos, alimentando a certeza de que, viesse o que viesse, não seria abandonada.
As minhas certezas, contudo, eram apenas um absurdamente frágil castelo de areia levado nas ondas do mar. Aqueles que julgava como as entidades mais próximas de mim não passavam de falsos profetas de um destino morto e, por isso mesmo, a amizade, que em tempos julguei como uma deusa sagrada e inviolável, jaz por terra, vencida, profanada, rasgada de corpo e alma.
E é este o meu mundo... Assim se processam os dias vencidos da minha vida inútil, perdidos entre a sombra do silêncio e o abismo da amargura. A fé morreu, quebrada pela traição. A esperança morreu, vencida pela desilusão. O sonho desapareceu na noite dos falsos encantos de uma existência em verdade vã e inútil.
Agora... Agora, resta-me morrer também.

De asas abertas no limite do abismo…

Tarde Demais

Passaste uma vida inteira a brincar comigo, usando jogos de culpa para me atingir e acusações infundadas para me dominar. Cada palavra por ti pronunciada não teve outro objectivo que não o de exercer controlo sobre mim, de forma a iludir a minha confiança até ao ponto de te dar tudo aquilo que quisesses de mim.

Com palavras de apoio me conquistaste. Com as mesmas palavras me derrubaste. Agora, contudo, que sabes que deixaste de me ter nas tuas mãos, tentas fingir que tudo o que disseste e fizeste foi involuntário e que não tinhas, na verdade, consciência do mal que me estavas a fazer.

Será que esperas realmente que eu acredite em ti? Para quê? Para, mais uma vez subjugada pelas tuas fingidas emoções, me deixar envolver na tua rede de controlo?

Não! Não vais voltar a brincar com os meus sentimentos. A ligação que existia entre nós quebrou e, por mais subterfúgios que utilizes para iludir as minhas certezas, não me conseguirás conquistar.

Não percas o teu tempo com um passado que nunca mais voltará. Aceita os factos: é tarde demais para as tuas ilusões. Não voltarás a ver-me. Não voltarei a ser a parte fraca nesta história.

Desolação

Ainda me pergunto como foi possível que eu me tenha enganado de uma forma tão simples. Vejo, agora, que as palavras que me iludiram podiam ser facilmente entendidas como falsas, mas, ainda assim, deixei que a minha inocência falasse mais alto e acreditei nas promessas de alguém que não me via nem me entendia.

Não sei o que espero, ainda. Afinal, a culpa foi minha, se me deixei iludir. Porque me surpreende, pois, o desamparo que me invade, a desolação que sinto ante a mágoa que me fere? Porque acreditei que desta vez podia ser diferente?

Louca! As coisas nunca são diferentes. As pessoas valem por aquilo que são e isso é muito menos que o valor que a minha alma lhes dá. Já basta de ilusões! Basta de sofrimento! Cale-se a desolação que me habita e nenhuma outra desilusão me tocará.

Porquê? Porque não voltarei a acreditar!

Controlo

É impressionante como continuas a brincar com a vida das pessoas, como se elas não passassem de meros objectos nas tuas mãos. Será que não aprendeste nada com tudo aquilo que perdeste?
Continuas a professar cegamente uma amizade que não sentes, enquanto manifestas, nas tuas atitudes, o contrário do que dizes pensar. A verdade é que, para ti, amizade e fidelidade são relações que não têm valor algum, a não ser no controlo que te conferem sobre aqueles que te rodeiam.
Pergunto-me se, na verdade, não entendes ou se até a tua pretensa inocência faz parte da farsa que tu montaste. Sim, porque é disso que se trata! Uma fachada que leva a que as pessoas se aproximem e confiem em ti, para que depois as possas manipular segundo a voz dos teus desejos.
Não fui a única que perdeste com essa atitude e tu sabes disso, mas, mesmo assim, insistes em prolongar a farsa. Será que julgas que vai resultar para sempre? Ou será que caíste na tua própria teia de mentiras?
Acorda! Ninguém está disposto a aceitar indefinidamente uma absoluta sujeição às tuas ideias. Nem todos aceitarão fingir que nada aconteceu, quando a tua ligação com eles quebrar. Aprende! Aceita a liberdade dos outros, como eles aceitam a tua! Caso contrário…
Caso contrário, acabarás por ficar sozinha!

Melancolia

Pouco mais que um sonho, quase perdido, quase ausente, rodopiando no turbilhão do meu ser, como um fio quebrado no labirinto dos meus pensamentos… Pouco mais que nada, para além deste indefinido sentimento que não é tristeza nem alegria, que simplesmente parece existir.

Pergunto-me o que sou, entre a enigmática confusão do meu sonhar e do meu sentir. Será que, entre as sombras desta melancolia que me invade, é meu o rosto que me olha no espelho, ou será apenas o reflexo deste fantasma distante e quase morto que é, na verdade, a essência do meu ser?

Sou, na verdade, apenas uma sombra, um leve sopro de nada, perdido entre quase pensamentos e quase sentimentos, na estranha existência de reflectir sem pensar e de, sem viver, existir.

Ainda

Ainda grito o teu nome à noite escura, com a mesma ânsia e o mesmo desespero com que chamei por ti, quando, naquela negra hora, rasgaste as ligações que nos uniam e, indiferente a súplicas e lamentos, partiste para nunca mais voltar.
Ainda recordo os etéreos momentos quando eram murmúrios de amor que me dirigias, e não palavras de desprezo, quando o teu toque me chamava a ti, ao invés de me repelir, e quando havia serenidade nos teus olhos, onde agora não há senão amargura.
Ainda murmuro, quando me sinto só, os versos daquele poema secreto que escreveste só para mim, qual profissão de fé e amor eternamente consagrado no nosso mais sagrado ritual.
Ainda sonho contigo, tal como eras antes da mágoa e da dor, calmo, protector e sereno, amante e amigo, força e amparo, coragem e devoção…
Ainda te vejo como antes… e é essa dolorosa imagem que me dá esta triste certeza…
Ainda que a vida me falte… nunca te esquecerei.

Hoje

Hoje perdi a minha melhor amiga… e o mais irónico, o mais revoltante de tudo isto é que eu já o esperava, ainda que apenas inconscientemente.
Não compreendo ainda como foi possível que uma relação que eu julgava tão especial e profunda acabasse reduzida a tão pouco. Pergunto-me se fui eu que não a soube merecer ou ela que não me soube merecer a mim. Tento entender onde foi que errei, mas a consciência não me responde. Fui eu que falhei? Em quê? Porquê?
Hoje, procuro uma resposta para a tristeza que me invade, mas, como sempre, sei já que as respostas nunca virão… Apenas a certeza de que o que foi feito não pode ser desfeito e a memória de um passado que nunca voltará.

O Que Somos

Tentei mudar a imagem que reflecte os meus dias, este rosto cansado e distante que me olhar do espelho, como se me dissesse que a minha viagem foi já demasiado longa e que, vencida a batalha em que eu escolhi lutar, é tempo de depor as armas e aceitar a inevitável rendição.

Ausente e melancólico, sei que o reflexo que me fita é a minha própria imagem, ainda que não me reconheça. Aquele destroço frágil e arruinado que, suplicante, me olha, é, na verdade, o meu próprio ser, aquilo que restou de mim depois da traição e do abandono.

Sou eu, sim. Não vou tentar mudar aquilo que é inegável e incontornável. Uma ruína caótica e abandonada, é isso que eu sou e é por isso que, um a um, todos os que me rodeiam fogem, perturbados, assustados… talvez culpados.

É assim a vida… O mundo move-se, por vezes, de formas incompreensíveis à nossa mente, mas, por mais que tentemos mudar para satisfazer a vontade do mundo, ou talvez apenas para afastar a nossa própria dor, nada muda verdadeiramente. Somos o que somos, por mais que tentemos fugir à verdade. A imagem no espelho é testemunha da nossa identidade imutável, ainda que mascarada pelos fantasmas do medo e da dor.

Somos o que somos… e é isso que nos torna nós.

Orgulho

Vagueio, dispersa entre pensamentos incompletos, vagas divagações que me levam até ti. Hoje, o meu pensamento está contigo, mais forte do que alguma vez esteve.
Olho para trás e recordo a imensidão que nos uniu. Como foi possível que deixássemos uma tal ligação quebrar? Tínhamos algo de tão especial, uma compreensão tão intensa…
Pergunto-me se sabemos realmente quem é a culpada do que aconteceu connosco, se há sequer um culpado para a quebra da nossa união. E o mais revoltante em tudo isto é a certeza de que uma palavra seria suficiente para restaurar a memória que jaz perdida no passado, uma palavra que tu nunca dirás e que eu nunca te pedirei.
Resta-nos, pois, aceitar a certeza de que o que perdemos não voltará jamais, pois não somos senão vítimas do orgulho ferido, reflexos de uma vaidade sem sentido. Mas, mesmo assim, há uma voz distante, algures nos confins do meu abismo interior, que, insistentemente dolorosa, vê em nós a sombra de uma dúvida, da interrogação secreta de não sabermos quem somos.
Qual de nós mais orgulhosa… Qual de nós mais cega…

Abandono

Não há ninguém que sinta aquilo que eu sinto, que veja aquilo que eu vejo e que ame aquilo que eu amo. Ninguém entende aquilo em que acredito ou compreende as correntes que limitam a minha liberdade.
Eles nem sequer sabem que eu existo. Não lhes interessa se estou viva ou morta, pois, na verdade, nunca me viram. Nunca me sentiram.
Não há ninguém que veja aquilo que eu sou.
Choro… mas eles observam, indiferentes, como se eu fosse uma sombra ou um reflexo, nada mais.
Sofro… mas eles não sentem a agonia que, dia após dia, me consome nas suas chamas de sangue e ódio. Eles não sabem que, na verdade, são eles os culpados da interminável angústia que me atormenta.
Morro… mas eles não vêem sequer a derradeira convulsão que percorre o meu corpo torturado, destroçado. Não entendem que são as suas mãos que, pouco a pouco, arrancam de mim tudo aquilo que me torna eu, deixando apenas o doloroso abandono de uma morte certa e iminente.
Eles não sabem… Nem sequer sentem como é imensa a negrura da noite que me arrasta, como é terrível o pavor da mágoa que me atormenta, como é deserto o nada onde a minha alma ferida desfalece.
Não… Eles não vêem… E é por isso que o sangue que, dentro de mim, se torna gelo ante o presságio de uma loucura mortal, murmura sentimentos e certezas, sussurros que não são mais que a confirmação daquilo que eu terei quando morrer…
As lágrimas de ninguém.

Desilusão

Talvez não saibas, mas toda a minha fé é toda a minha alma te pertenciam.
Queria dar-te tudo aquilo de que precisavas para a tua realização, ser o teu apoio, a mão que te ergueria ao infinito e a voz que cantaria os teus sonhos ao mundo.
Teria feito tudo por ti. Teria morrido por ti.
Aquilo que mostravas, contudo, não era quem verdadeiramente eras e, quando os meus olhos se abriram para a verdade, tinhas já nas mãos demasiado de mim para que eu me pudesse afastar sem sentir o golpe.
Como pude enganar-me tanto a teu respeito? Como foi possível acreditar tão cegamente na tua fachada de serena amizade?
Agora, eu vejo aquilo que tu és. Agora, eu entendo e, arrancado o véu que me cegava, resta a sombra desta dolorosa desilusão, o fantasma de uma fé que não tinha, na verdade, qualquer significado e a interminável tristeza de ter acordado para ti…
De ter acordado tarde demais…

Sonho

Memória de um destino já distante, perdido algures para além de toda a redenção, o meu sonho é como um etéreo fantasma, errante por entre os meus pensamentos, sem luz nem cor, como um murmúrio sem voz nem futuro, feito apenas de mágoa e solidão.
O meu sonho não é puro e cintilante. Não é o espelho de um império ideal, mas apenas a imagem dolorosa de uma vida eternamente perdida. O meu sonho não passa de um espectro do passado que nunca mais voltará, um sussurro de bruma, frio como a morte e negro como a noite.
Não há nada de belo no meu sonho, tal como não o há em mim. Não há nada, senão esta sombra magoada e tenebrosa que sou eu, porque, por mais que o negue, por mais que o afaste, esta sombra repulsiva do meu sonho sou eu…
Mas o meu sonho está morto.

Serenidade

Fui à procura de uma paz distante, escondida algures num sonho mais para além de mim. Procurei, entre brumas e silêncios, um tranquilo murmúrio que me dissesse onde ir, que me indicasse o caminho da calma e da serenidade.
Percorri mundos e memórias, sonhos e ilusões, destinos e profecias, em busca da tranquilidade que me protegeria e me salvaria de mim. Parti numa demanda para além dos reinos mais além e esperei voltar apenas quando o meu destino estivesse cumprido.
Quando regressei, contudo, as minhas mãos estavam vazias e assim estava também a minha alma. Para trás tinham ficado sonhos, memórias e recordações, mas a paz que eu desejara continuava longe de mim.
Não há, pois, glória na serenidade, uma vez que tudo aquilo que alguma vez amei foi a ela sacrificado, mas, mesmo assim, divindade indiferente, a paz recusou o meu sonho e a minha morada.
Não há descanso numa vazia dignidade nem amor numa calma de gelo. Se serenidade não passa de vazio e indiferença, se é apenas insensibilidade…
Então, de nada vale a serenidade!

Adeus à Vida

Chegou a hora em que todas as lutas se tornam vãs e todos os sonhos se fragmentam em partículas de sombra e nada. Não há já memória nem percepção, mas apenas a vazia indiferença de um derradeiro e irrevogável adeus à vida.
É hora de partir… Nenhuma voz murmura já que a vida vale a pena ou que existem ciclos ainda por completar. Todos os laços foram já quebrados e apenas a noite interminável sente ainda a minha presença.
De nada vale, pois, negar que chegou, enfim o tempo da queda. Todos os sonhos quebram e tudo o que nasce morre. Porque deveria ser diferente comigo?
Não nego mais o chamado da morte. A voz do abismo fala, hoje, mais alto, e os sentimentos que me prendem não têm já o poder de me controlar. Parto, pois, para os confins da morte, para a noite eterna onde repousam meus sonhos quebrados, meus sentimentos derrotados, para o imenso nada onde o vazio não dói.
Adeus, vida… A tua sombra não te esquecerá. A memória de tudo o que foste ficará comigo eternamente, assim como os rostos e as recordações daqueles que puseste no meu caminho. Cuida deles, como não o fizeste comigo.
Adeus, vida… O meu tempo acabou.

É hora…

Despertar

Abro os olhos e acordo para a vida em meu redor. Nada mudou desde que adormeci.
O mundo é a mesma esfera de luz e sombra, o mesmo labirinto de sonho e desilusão, de amor e ódio, de vida e morte.
Nada mudou… Mas é como se a vida pulsasse, forte dentro do meu ser, com uma intensidade que julguei nunca mais sentir, mas que reconheço de um tempo já distante… A sensação de uma alma restaurada, despertando para um novo dia.
Neste momento, a sombra ficou para trás e as memórias do passado não existem. É certo que outras sombras virão e que as memórias voltarão a despertar para o tormento dos meus sentidos, mas, neste momento, nada disso tem importância.
Sinto-me viva, como há muito não sentia, e isso é quanto me basta para não deixar de lutar. O tempo que venha e as sombras que regressem, se quiserem, mas, até lá…
Até lá, tenho um novo dia à minha espera e todo o desejo de o viver.

Índice